

## Um encontro com a tradição japonesa – *Chado* e pedagogia japonesa: uma experiência no Colégio Luterano São Paulo<sup>1</sup>

Chie Hirose<sup>2</sup>

**Resumo:** Tendo como referencial a Cerimônia do Chá, o artigo examina e discute – em tradição que inclui João Guimarães Rosa, Fernando Pessoa, Tomás de Aquino, Pascal e Shakespeare – a interação interior/exterior do ser humano nos ritos e na educação.

**Palavras-Chave:** Educação. Antropologia. Cerimônia do Chá. Unidade do Homem.

**Abstract:** Based on the Tea Ceremony, this article examines and discusses - from the writings of João Guimarães Rosa, Fernando Pessoa, Thomas Aquinas, Pascal e Shakespeare - the unity of human being (interaction between his “interior” and “exterior” dimensions) in rites and education.

**Keywords:** Education. Anthropology. Tea Ceremony. Unity of Man.

### A preparação para o *Chanoyu*.

Em abril de 2017, fui surpreendida com um convite – iniciativa dos professores Enio e Simone Starosky e da profa. Simone Terranova – para, nos quadros de mais um curso para professores (que o Colégio Luterano estende para professoras de Educação Infantil da região), realizar – na medida do possível... – uma Cerimônia do Chá com os professores, no sábado 20/5.

Em outro curso do Cemoroc no Luterano, em 2013, o diretor, Prof. Enio Starosky, já me tinha visto falar sobre o *Chanoyu* (Cerimônia do Chá), tema da minha tese de doutoramento na Feusp (<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22122011-092721/pt-br.php>), também publicada em livro ([www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/CerimoniaCha.pdf](http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/CerimoniaCha.pdf)).

Como preparação para o *Chanoyu*, no segundo horário daquela manhã de sábado, o Prof. Jean Lauand se encarregaria da conferência de discussão prévia sobre os fundamentos da educação dos Orientais, a educação pelo corpo, como ele expôs no artigo “Fingir para Germinar: Educação e Antropologia”.

[a sabedoria dos Orientais:] Agir no corpo para atingir a alma; agir na alma para atingir o corpo. (...) Se, desde Platão, o exagerado “espiritualismo” tem sido uma tentação (especialmente para visões superficiais do cristianismo), em Descartes, o Ocidente se lança de vez na dicotomia mente x matéria... (...) E aí tocamos um dos pontos chave da educação moral, que é sempre, em boa medida, auto-educação. A fórmula vem dada numa aparentemente surpreendente sentença de

<sup>1</sup>. Este artigo é versão ligeiramente modificada do original de 2018, sobre atividade realizada no Colégio Luterano em 20-5-2017.

<sup>2</sup>. Doutora e Pós doutora pela Feusp. Mestre em Antropologia pela Univ. de Hiroshima. Professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de São Paulo.

João Guimarães Rosa: "Tudo se finge primeiro; germina autêntico é depois".<sup>3</sup>

Um homem que reconheça um seu defeito moral, digamos a ingratidão, e queira adquirir a virtude correspondente, como deve proceder? "Fingindo". Quer dizer, começa-se por assumir as formas externas, verbais da gratidão (que não se sente): "fingir" reconhecer o caráter indevido do favor recebido, "fingir" louvar o benfeitor, "fingir" sentir-se na obrigação de retribuir etc. E, um belo dia, germina autêntico aquilo que se fingia... (...)

"Fingir" é também a proposta de Shakespeare: "*Assume a virtue, if you have it not*", diz Hamlet (III, 4)<sup>4</sup>. O costume é monstro que vai comendo o sentido de nossas ações. Mas, o diabo do hábito, torna-se anjo quando se volta para o bem: dando a capa que reveste as ações boas - uma agora, outra depois e outra ainda - e assim ir mudando a natureza e, com prodigioso poder, exorcizar os demônios. O "fingir" proposto nas *Pensées* (#250<sup>5</sup>) de Pascal oferece-nos o enlace com o grande tema da Liturgia. No relacionamento com Deus: "É necessário que o exterior se una ao interior, isto é, pôr-se de joelhos, rezar com os lábios, etc. a fim de que o homem orgulhoso, que não quis se submeter a Deus, seja submetido à criatura. Esperar socorro desse exterior é ser supersticioso; não querer ajuntá-lo ao interior é ser soberbo".  
(<http://www.hottopos.com/rih20/jean.pdf>)

### **Educar pelo corpo: *Chado* e *Chanoyu*.**

Estimulada pelo Enio, atrevi-me a propor aos professores que participavam do Curso, uma amostra real da Cerimônia do Chá.

A Cerimônia do Chá é um dos tantos *do* (no caso, *Chado*), *caminhos* pelos quais a tradição japonesa realiza prioritariamente a educação. Trata-se de unir o interior e o exterior. Segundo os mestres, o *Chado* (*Caminho* do Chá) deve ter na Harmonia (*Wa*), no Respeito (*Kei*), na Pureza (*Sei*) e na tranquilidade (*Jaku*) os seus princípios basilares, são a base de todas as regras práticas do ritual do Chá e representam, ao mesmo tempo, seu mais alto ideal.

Sen XV explica que o "homem de chá" (*cha-jin*) deve saber criar na sala de chá, através do ritual e de sua participação total, a atmosfera adequada para que esses

---

<sup>3</sup>. "Sobre a escova e a dúvida" in *Tutaméia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985, p. 166.

<sup>4</sup>. Assume a virtue, if you have it not. That monster, custom, who all sense doth eat. Of habits devil, is angel yet in this, that to the use of actions fair and good He likewise gives a frock or livery, that aptly is put on. Refrain to-night, and that shall lend a kind of easiness to the next abstinence: the next more easy. For use almost can change the stamp of nature. And either.. the devil, or throw him out with wondrous potency.

<sup>5</sup>. Il faut que l'extérieur soit joint à l'intérieur pour obtenir de Dieu; c'est-à-dire que l'on se mette à genoux, prier des lèvres, etc. afin que l'homme orgueilleux, qui n'a voulu se soumettre à Dieu, soit maintenant soumis à la créature. Attendre de cet extérieur le secours est être superstitieux, ne vouloir pas le joindre à l'intérieur est être superbe.

princípios sejam sentidos e vividos intensamente, por um momento, único e irrepetível, por todas as pessoas participantes da Cerimônia<sup>6</sup>.

Nada mais alheio a nossos propósitos do que sugerir procedimentos cerimoniais possam de *per si* obter quaisquer resultados valiosos para a educação. Eles não agem *ex opere operato*, como o batismo católico para um recém-nascido, ou a unção de um enfermo prestes a morrer. Não são tampouco um ritual mágico, um abracadabra ou “abre-te, Sésamo”. Nem uma prática supersticiosa, como a de dar três pulinhos para que São Longuinho indique onde está o objeto perdido...

O *Chanoyu* (Cerimônia do Chá) é um dos casos – tão típicos dos Orientes (embora o *Chanoyu* seja especialmente destacado nesse sentido) – de busca de ritualizar o impulso estético. Ritualização que vem da “crença de que a promulgação de um ‘drama’ padronizado provocará as mesmas sensações despertadas pela beleza. No Ocidente, entendemos quase unanimemente a sensação estética como uma preocupação individual, e seja lá qual for a teoria que professemos a respeito de suas causas, natureza e manifestações, cremos que ela surge espontaneamente; em geral, nem sequer levamos em conta a possibilidade de poder brotar de um conjunto ritualístico que defina lugares e leis.”<sup>7</sup>

Assim, apontando para a essência, Sen XV (op. cit. p. 21) diz que o simples ato de servir o chá e recebê-lo com gratidão é fundamental para um modo de vida do *Chado*. Quando se serve uma tigela de chá de acordo com o rito, uma síntese cultural de grande extensão e de altos ideais é posta em jogo com aspectos de religião, moralidade, estética, filosofia, disciplina e relacionamento social. E que o estudante da Cerimônia do Chá aprende a ordenar as coisas, regular o tempo e intervalos, apreciar a elegância social e aplicar isto tudo na experiência do cotidiano. Estas coisas advêm do simples processo de servir e receber uma tigela de chá ofertada com um único propósito: o de alcançar a tranquilidade da mente em comunhão com os demais companheiros dentro do nosso universo. E nesta maneira de ser que encontramos presentemente o significado do Caminho do Chá.

### **Três gerações em uma conferência / cerimônia.**

Tendo em conta que o principal é a cerimônia e não o que se explica sobre ela e conhecendo o calor da hospitalidade do Luterano, convidei meus pais, Shoso e Sanae, e meus sobrinhos, Dan e Jyou, para protagonizarem a sessão do sábado.

Alguns dados sobre a família são necessários. Meu avô paterno morreu na Segunda Guerra e minha avó, mestra da Cerimônia do Chá, enfrentou – como em todo pós guerra – imensas dificuldades, sobretudo para criar o filho pequeno, meu pai (para agravar a situação da viúva, eles eram da região de Hiroshima...). Em 1966, Shoso e Sanae emigraram para o Brasil, onde nasceram seus filhos. Eu, com 10 anos, tive o privilégio de conviver com a *Obacha* (avó, em japonês) por uma temporada em que a visitei no Japão e ela, com muita naturalidade, iniciou-me no *Chanoyu* e em seus rituais.

Meu pai nos contou que, mesmo na penúria do pós guerra, em que faltava o essencial, ela se esforçava por continuar realizando a Cerimônia, precisamente para que não se perdessem os valores, tanto mais urgentes em uma época que tendia a absolutizar a sobrevivência e a imediata utilidade. Essa atitude, guardadas as devidas distâncias, é a do inconformismo de um Christian Dior (neste 2017 comemoram-se os

---

<sup>6</sup>. Sen XV, *Soshitsu. Vivência e Sabedoria do Chá*. Tradução de Francesca Cavalli, 2ªed. São Paulo: Ed. T.A.Queiroz, 1985, p. 17.

<sup>7</sup>. Bleiler, E. F. “Introdução” in Okakura, Kakuzo. *O livro do Chá* São Paulo: Ed. Pensamento, 2009,p 23.

70 anos da *Maison Dior*), que se recusou a abdicar da elegância, da beleza, da grandiosidade da vida, do charme feminino ameaçados de sucumbir em tempos de racionamento e pragmatismo americanista no pós guerra.



Foto: André Bender

Shoso e Sanae começaram sua conferência explicando (eu ia traduzindo para o português) esses e outros valores do *Chado* e Dan e Jyou ajudavam, servindo o chá para os professores.

A quatro pequenos grupos de três participantes foi oferecida a experiência mais completa, com *Machá*; para os demais (eram 40 professores), limitamo-nos a um chá e doces autenticamente orientais.

O estudado contraste entre o amargo do chá e o doce, interagindo na boca, é essencial para atingir a plenitude da experiência do *Machá* e – como explicou Sanae, arrancando risadas dos assistentes – esse contraste faz parte da vida, como bem o experimentamos em nossos relacionamentos...



Foto: André Bender

Pudemos realizar alguns gestos – trata-se de uma experiência do corpo! – como (o importante é valorizar o outro...) o de oferecer a vasilha de baixo para cima (no caso das vasilhas autênticas do *Chanoyu*, com o adorno voltado para o convidado)

etc. etc. Nesse sentido, o de centrar no Outro, na conferência introdutória, Lauand lembrou a diferença entre nossa despedida ocidental – “Vê se aparece!” (nós somos os importantes e te autorizamos a nos visitar novamente) e a fórmula árabe “*Ismaha lana nashufku!*” (“permita que nós te vejamos”)...

Um intróito indispensável, que com a ajuda dos meninos tivemos que improvisar: a porta de entrada para a Cerimônia é baixa (a rigor, 67 cm), para que, em cada um, o corpo (que se deve curvar) induza no espírito a atitude própria do *Chado*: deixar do lado de fora toda a auto-suficiência e a primazia do ego.



Foto: André Bender

O espírito do *Chado* expressa-se em uma das recordações mais profundas, que guardo da *Obacha*, a de um episódio aparentemente intranscendente: com meus 10 anos, andando pela rua de mãos dadas com ela, vi-a cumprimentar uma pessoa que cruzou nosso caminho “*Itsumo ossewani natte orimassu!*”, que pode se traduzir mais ou menos assim: “agradeço porque sua existência me faz a vida possível!”. Curiosa, perguntei quem era aquela pessoa que recebeu tão solene reconhecimento (vim a saber, depois, que é uma fórmula usual tradicional do interior). Perplexa, ouvi como resposta: “Quem será, né? Ela é aqui da cidade. Não sei o que ela fez por mim, mas, sem dúvida, devo muito a ela”. Hoje, estudando Confúcio e os fundamentos da cultura do Oriente, sei que a virtude essencial *jin* (a “humanidade”) tem o mesmo som de *jin* (ser humano) e seu ideograma expressa um ser humano duplicado: só posso ser, por causa do Outro...

Hoje, procuro ensinar essa nobilíssima verdade (tão esquecida pelo capitalismo individualista) para as crianças, por meio do exemplo de Nelson Mandela, Ubuntu. A virtude Ubuntu, personificada por Mandela, é um requintado conceito das línguas bantu (as mais elaboradas e refinadas) que expressa precisamente essa invisível (mas realíssima) dependência entre os homens:

A palavra *ubuntu* vem da cultura Xhosa/Zulu, a comunidade na qual Nelson Mandela nasceu e se resume

na frase “Umuntu ngumuntu ngabantu” (...) “uma pessoa é pessoa por meio de outras pessoas” ou “Eu sou porque nós somos”<sup>8</sup>.

Há uma sentença com a qual mestre Rikyu condensa a sabedoria do *Chado*: “Ichi go, ichi e”. Ela que expressa o caráter único (ichi) dessa oportunidade de encontro, na qual, portanto, cada um deve doar-se ao máximo, no aqui e agora, em torno do Chá.

Pensando nisso, naquele momento de intensa emoção, vendo três gerações de minha família em interação com aqueles maravilhosos colegas, não pude deixar de enaltecer a sabedoria de Shoso ao escolher o Brasil, país – apesar de tantas mazelas recentes – fundado em uma atitude originária de acolhimento e que alegremente sabe daquele *Itsumo ossewani natte orimassu!*



Foto: André Bender

Recebido para publicação em 06-07-23; aceito em 11-08-23

---

<sup>8</sup>. MBERIA, Kithaka wa Ubuntu: linguistic explorations. **International Journal of Scientific Research and Innovative Technology** Centre for Promoting Knowledge (CPK) Vol. 2 No. 1; January 2015, p. 105.